

Meu remédio, claro, é o melhor

A indústria farmacêutica Eli Lilly financiou cinco estudos comparando um medicamento contra esquizofrenia que ela própria produzia com outro, feito pela Janssen. Resultado: todos os cinco trabalhos mostraram que o medicamento da Eli Lilly era o melhor. Porém, quando a Janssen patrocinou seus próprios estudos comparando os dois remédios, foram os dela que ficaram na frente. Não são casos pontuais. Nove em cada dez testes de novos medicamentos psicotrópicos pagos por indústrias



ILUSTRAÇÕES LAURABEATRIZ

Um dos autores, o psiquiatra John Davis, da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, mostra nesse trabalho que podem existir potenciais vieses no desenho ou na interpretação dos dados, de modo que saem esses resultados contraditórios. Porém, quando uma agência governamental comparou uma série de medicamentos contra esquizofrenia em um amplo teste com pessoas, as duas medicações que se saíram melhor eram as mais baratas – e já estavam livres de patentes. •

chegam à conclusão de que a droga mais eficaz é aquela feita pela empresa patrocina-

dora, de acordo com um artigo publicado na *American Journal of Psychiatry*.

■ As raízes do comportamento

Por que começamos a falar mais alto perto de outras pessoas que falam alto ou mais baixo diante das que murmuram? Simples: outras pessoas nos influenciam e geralmente nem percebemos, concluiu um estudo publicado na *Current Directions in Psychological Science*. Nesse trabalho, a equipe de John Bargh, da Universidade de Yale, Estados Unidos, mostra como pode

ser contagioso o modo pelo qual outras pessoas se comportam ou expressam seus sentimentos. Quando os pesquisadores mostraram uma imagem de uma biblioteca para um grupo de pessoas e as instruiu a irem lá depois do experimento, elas começaram a falar mais suavemente, sem estarem conscientes do porquê. Quando preparadas para serem rudes, as pessoas interrompiam o instrutor, enquanto as que foram motivadas a serem polidas não o inter-

rompiam. Mas a equipe de Yale tranquiliza: as influências sobre o comportamento são, normalmente, benignas. •

■ Vírus híbrido marca tumores

Um grupo de pesquisadores brasileiros que trabalham na Universidade do Texas, Estados Unidos, participou do desenvolvimento de uma nova classe de vírus híbridos que podem ser úteis para identificar e combater células tumo-

rais. Descrito na edição de 21 de abril da revista *Cell*, o vírus contém partes de dois vírus, um adenovírus e um bacteriófago. Pode dirigir-se a células tumorais, como foi demonstrado em camundongos, e sua atividade pode ser acompanhada por meio da tomografia de emissão de pósitrons. Esse vírus pode servir como vetor para genes a serem usados em terapia gênica para encontrar ou combater tumores, além de ajudar a avaliar a eficácia de medica-



mentos contra câncer, segundo Renata Pasqualini, pesquisadora brasileira que trabalha na Universidade do Texas e participou desse estudo, ao lado de Wadih Arap, outro brasileiro. •

■ Dano extra da malária

O protozoário *Plasmodium*, causador da malária, destrói a capacidade do organismo de se defender dos microorganismos. Essa habilidade explica por que as pessoas com malária são suscetíveis a outras infecções e podem não responder bem a vacinas, de acordo com um estudo da *Journal of Biology*. A equipe de Owain Millington, da Universidade de Strathclyde, no Reino Unido, verificou que o *Plasmodium chabauti* inativa as células dendríticas, fundamentais para iniciar e regular as reações contra microorganismos, depois de terem entrado em contato com as células vermelhas do sangue que haviam sido infectadas. •

■ O irmão maior de Plutão

A mais recente previsão do tamanho do 2003 UB313, o distante mundo gelado apelidado de Xena, indica que o candidato a décimo planeta do sistema solar pode ser apenas ligeiramente maior do que Plutão. Medições feitas com o telescópio espacial Hubble, da Nasa, sugerem que o diâmetro do novo objeto deve ser de 2.400 quilômetros, no máximo 5% maior que o do nono planeta solar. Segundo a estimativa anterior, feita por meio de instrumentos baseados em terra, o longínquo e frio corpo celeste era cerca de 30%



ILUSTRAÇÕES LAURABEATRIZ

maior do que Plutão. Saber o tamanho de Xena é fundamental para que ele seja realmente elevado ao *status* de planeta. Segundo uma regra informal, aceita pela maioria dos astrofísicos, um objeto celeste situado em nosso sistema só deve receber essa designação se for maior do que Plutão, o menor dos nove planetas solares até agora oficialmente reconhecidos. •

■ O laboratório da evolução

Os biólogos descobriram que as cidades, agora vistas como um espaço ideal para observar o comportamento dos animais porque tendem a apresentar menos variáveis que o campo (*New Scientist*, 22 de abril). Nas ilhas de calor, comuns nas metrópoles, os insetos podem viver mais que nas

matas. As atividades humanas representam fontes estáveis de comida e água para outras formas de vida urbana, mas nem sempre é bom. Comida farta como amendoins e pipocas que engordam os pombos das praças não é a mais adequada para os filhotes, que precisam de larvas de insetos, raras nas cidades. Resultados: os filhotes de aves das cidades podem ficar famintos mais facilmente que os das matas. Todo ano morrem também milhares de aves migratórias que colidem com prédios e torres de rádio. Desafios desse tipo fazem dos espaços urbanos um autêntico laboratório. “A cidade é o Velho Oeste da evolução”, comentou Joel Brown, um ecólogo da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. •

A bola dribla o olho humano

Da próxima vez que a bola fizer aquela curva inacreditável no último instante e o goleiro do seu time errar o golpe de vista, dê um desconto. O gol pode não ter sido culpa do arqueiro. Segundo um estudo de Cathy Craig, da Universidade Queen’s Belfast, Irlanda, o olho humano não está preparado para prever a brusca mudança de trajetória de uma bola extremamente rápida que esteja girando horizontalmente sobre o seu próprio eixo. Em outras palavras, um chute assim envenenado engana qualquer um. Cathy chegou a essa conclusão após simular, com o auxílio de um equipamento de realidade virtual, o caminho percorrido por uma bola que rodava a



600 revoluções por minuto. Nesse teste, mesmo jogadores de futebol com grande experiência não acertavam o destino final das bolas chutadas com esse tipo de efeito. Não conseguiam dizer com certeza se elas iriam parar dentro das redes ou fora do gol. “Essas bolas giratórias não acontecem de forma natural”, comentou Cathy à revista *New Scientist*. “A natureza não equipou o homem com um sistema visual adaptado a elas.” A ideia para o estudo surgiu depois que a pesquisadora viu, em 1997, uma potente cobrança de falta do lateral Roberto Carlos, da seleção brasileira. Todo mundo achava que a bola iria para fora. Mas foi gol. •